



DO AUTOR DE
**O HOMEM
QUE AMAVA OS
CACHORROS**

HEREGES

ROMANCE

LEONARDO PADURA

LEONARDO PADURA

HEREGES

TRADUÇÃO
ARI ROITMAN | PAULINA WACHT
Com a colaboração de Bernardo Pericás Neto

NOTA DO AUTOR

Muitos dos episódios narrados neste livro se baseiam em uma ampla pesquisa histórica e, inclusive, foram escritos com base em documentos históricos de primeira mão, como é o caso de *Javein Mesoula (Le fond de l'abime)*, de N. N. Hannover, um impressionante e vívido testemunho dos horrores do massacre de judeus na Polônia entre 1648 e 1653, texto com tal capacidade de comover que, com os necessários cortes e retoques, decidi retomá-lo no romance, cercado-o de personagens fictícios. Desde que o li soube que não seria capaz de descrever melhor a explosão de horror e muito menos de imaginar os níveis de sadismo e perversão a que se chegou na realidade vista pelo cronista e por ele descrita pouco tempo depois.

Mas, como se trata de um romance, alguns dos acontecimentos históricos foram submetidos às exigências do enredo dramático, em benefício de sua utilização, repito, romanceda. Talvez a passagem em que realizo esse exercício com maior insistência seja a que trata dos acontecimentos situados na década de 1640, que, na realidade, são uma soma de eventos próprios desse momento, misturados com alguns da década seguinte, como a condenação de Baruch de Spinoza, a peregrinação do suposto messias Sabbatai Zevi ou a viagem de Menasseh ben Israel a Londres, com a qual conseguiu, em 1655, que Cromwell e o Parlamento inglês dessem aprovação tácita à presença de judeus na Inglaterra, coisa que logo depois começou a acontecer.

Nas passagens posteriores, sim, foi respeitada a estrita cronologia histórica, com pequenas alterações na biografia de alguns personagens inspirados na realidade. Porque a história, a realidade e o romance funcionam com motores diferentes.

Mais uma vez para Lúcia, chefe da tribo

Há artistas que só se sentem seguros quando gozam de liberdade, mas há outros que só podem respirar livremente quando se sentem seguros.

Arnold Hauser

Tudo está nas mãos de Deus, exceto o temor a Deus.

O Talmude

Quem quer que haja refletido sobre estas quatro coisas, teria feito melhor não vindo ao mundo: o que existe acima? O que existe abaixo? O que existiu antes? O que existirá depois?

Máxima rabínica

HEREGE. Do gr. αἱρετικός, *hairetikós*, adjetivo derivado do substantivo αἵρεσις, *haíresis*, “divisão, eleição”, proveniente do verbo αἵρεῖσθαι, *haireísthai*, “**escolher, dividir, preferir**”, usado originalmente para definir pessoas que pertencem a outras escolas de pensamento, ou seja, que têm certas “preferências” nesse âmbito. O termo aparece pela primeira vez associado aos cristãos dissidentes da incipiente Igreja no tratado de Irineu de Lyon “contra haereses” (fins do século II), especialmente contra os gnósticos. Provavelmente deriva da raiz indo-europeia **ser* com o significado de “pegar, segurar”. Em hitita existe a palavra *saru* e em galês, *herw*, ambas com o significado de “butim”.

De acordo com o *Diccionario de la Real Academia de la Lengua Española*:
HEREGE. (Do provençal *Eretge*). 1. *com.* Pessoa que nega algum dos dogmas estabelecidos por uma religião. || 2. Pessoa que discorda ou se afasta da linha oficial de opinião seguida por uma instituição, uma organização, uma academia etc. [...]. *coloq. Cuba. Diz-se de uma situação: [Estar herege] Estar muito difícil, especialmente no aspecto político ou econômico.*

Livro de Daniel

Havana, 1939

Daniel Kaminsky levaria vários anos para se habituar ao barulho esfuziante de uma cidade que se levantava sob a mais indisfarçada algaravia. Havia descoberto logo que ali tudo se tratava e resolvia aos gritos, tudo rangia por causa da ferrugem e da umidade, os carros avançavam entre as explosões e o ronco dos motores ou os longos bramidos das buzinas, os cães latiam com ou sem motivo e os galos cantavam até a meia-noite, enquanto cada vendedor anunciava sua presença com um apito, um sino, uma corneta, um assóvio, uma matraca, uma flauta de bambu, uma quadrinha bem rimada ou um simples grito. Ele tinha encalhado numa cidade na qual, ainda por cima, toda noite, às nove em ponto, retumbava um canhão sem que houvesse guerra declarada nem muralhas para fechar, e onde sempre, sempre, em épocas de bonança e em momentos de aperto, alguém escutava música, e cantava.

Em seus primeiros tempos de Havana, muitas vezes o menino tentaria evocar, tanto quanto lhe permitia sua mente povoada de recordações, os silêncios pastosos do bairro dos judeus burgueses na Cracóvia, onde havia nascido e vivido seus primeiros anos. Por pura intuição de desenraizado, buscava aquele território magenta e frio do passado como uma tábua capaz de salvá-lo do naufrágio em que sua vida tinha se transformado, mas quando suas recordações, vividas ou imaginadas, tocavam na terra firme da realidade, imediatamente reagia e tentava fugir dela, pois na silenciosa e escura Cracóvia de sua infância um vozerio excessivo só podia significar duas coisas: ou era dia de feira livre ou algum perigo

rondava. E nos últimos anos que passou na Polônia o perigo chegou a ser mais frequente que as feiras. E o medo, uma companhia constante.

Como era de se esperar, quando Daniel Kaminsky caiu naquela cidade de estridências, durante muito tempo captaria os embates daquele explosivo estado sonoro como uma rajada de alarmes capaz de assustá-lo, até que, com o passar dos anos, conseguiu entender que nesse novo mundo o mais perigoso costumava vir precedido pelo silêncio. Vencida aquela etapa, quando por fim conseguiu viver entre os ruídos sem ouvi-los, como se respira o ar sem se ter consciência de cada inspiração, o jovem Daniel descobriu que já havia perdido a capacidade de apreciar as qualidades benéficas do silêncio. Mas se orgulharia, sobretudo, de ter conseguido se reconciliar com o estrépito de Havana, pois, ao mesmo tempo, tinha atingido seu obstinado objetivo de sentir que pertencia àquela cidade turbulenta onde, por sorte para ele, havia sido jogado pelo impulso de uma maldição histórica ou divina – e até o final de sua existência teria dúvida sobre qual dessas atribuições seria a mais acertada.

No dia em que Daniel Kaminsky começou a sofrer o pior pesadelo de sua vida e, ao mesmo tempo, a ter os primeiros vislumbres de sua sorte privilegiada, um envolvente cheiro de mar e um silêncio intempestivo, quase sólido, pairavam sobre a madrugada de Havana. Seu tio Joseph o havia acordado muito mais cedo que de costume para mandá-lo ao Colégio Hebreu do Centro Israelita, onde o menino já recebia instrução acadêmica e religiosa, além das indispensáveis lições de espanhol, que permitiriam sua inserção no mundo multiforme e heterogêneo onde viveria só o Santíssimo sabia por quanto tempo. Mas o dia começou a se mostrar diferente quando, depois de dar-lhe a benção do Shabat e uma saudação pelo Shavuot, o tio quebrou sua reserva habitual e depositou um beijo na testa do menino.

O tio Joseph, também Kaminsky e, obviamente, polonês, conhecido naquele tempo como Pepe Carteira – dada a maestria com que desempenhava seu ofício de fabricante de bolsas, carteiras e pastas, entre outros artigos de couro – sempre havia sido, e seria até a morte, um estrito cumpridor dos preceitos da fé judaica. Por isso, antes de lhe permitir provar o desjejum já servido sobre a mesa, recordou ao jovem que não deviam fazer apenas as abluções e orações habituais de uma manhã muito especial, pois a graça do Santíssimo, bendito seja Ele, havia querido que caísse no Shabat a comemoração do Shavuot, a milenar festa maior consagrada a recordar a entrega dos Dez Mandamentos ao patriarca Moisés e a jubilosa aceitação da Torá por parte dos fundadores da nação. Porque nessa madrugada, como lhe recordou o tio em seu discurso, também deviam elevar

muitas outras preces a Deus para que Sua divina intercessão os ajudasse a resolver da melhor forma aquilo que, no momento, parecia ter se complicado da pior maneira possível. Embora talvez as complicações não os atingissem, acrescentou e sorriu com malícia.

Após quase uma hora de orações, durante a qual Daniel pensou que ia desmaiar de fome e de sono, Joseph Kaminsky afinal lhe indicou que podia se servir do farto desjejum, no qual se sucederam o leite de cabra morno (que, por ser sábado, a italiana Maria Perupatto, apostólica e romana, e por essa condição escolhida pelo tio como “gói do Shabat”, havia deixado sobre os carvões em brasa do fogareiro), as bolachas quadradas chamadas *matzot*, geleias de frutas e até uma boa porção de *baklavá* transbordante de mel, um banquete que faria o menino perguntar-se de onde o tio havia tirado o dinheiro para tais luxos: porque do que Daniel Kaminsky se lembraria daqueles anos, pelo resto de sua longa presença na Terra, para além dos tormentos provocados pelo barulho do ambiente e da semana horrível que viveria a partir daquele instante, seria da fome insaciável e insaciada que sempre o perseguia, como o mais fiel dos cães.

Depois de um café inusitadamente lauto, o menino aproveitou a longa permanência do seu tio constipado nos banheiros coletivos do cortiço onde moravam para subir ao terraço do edifício. A laje ainda estava fresca naquelas horas anteriores ao nascer do sol e, desafiando as proibições, ele se atreveu a ir até a sacada para observar o panorama das ruas Compostela e Acosta, onde havia se instalado o coração da cada vez maior colônia judaica de Havana. O sempre lotado edifício do Ministério do Interior, um antigo convento católico dos tempos coloniais, estava totalmente fechado, como se estivesse morto. Pela arcada contígua, sob a qual corria a rua Acosta formando o chamado Arco de Belém, não passava ninguém nem coisa nenhuma. O Cine Ideal, a padaria dos alemães, a casa de ferragens dos poloneses, o restaurante Moshé Pipik, que o apetite do menino sempre olhava como a maior tentação da face da Terra, estavam com as cortinas baixadas, as luzes das vitrines apagadas. Embora nos arredores vivessem muitos judeus e, portanto, a maioria daqueles negócios fosse de judeus e em alguns casos permanecessem fechados aos sábados, a quietude imperante não se devia somente à hora ou a que estivessem no Shabat, dia de Shavuot, jornada de sinagoga, mas sim ao fato de que nesse instante, enquanto os cubanos dormiam profundamente no feriado pascal, a maioria dos asquenazes e sefaradis da região escolhia suas melhores roupas e se preparava para sair às ruas com as mesmas intenções que os Kaminsky.

O silêncio da madrugada, o beijo do tio, o inesperado desjejum, e até a feliz coincidência de que o Shavuot caísse no sábado, na realidade só tinham confirmado a expectativa infantil de Daniel Kaminsky quanto à previsível excepcionalidade do dia que se iniciava. Porque o motivo do seu despertar antecipado era que estava anunciada, para algum momento próximo ao amanhecer, a chegada do transatlântico S.S. *Saint Louis* ao porto de Havana. O navio havia zarpado de Hamburgo quinze dias antes, e a bordo viajavam 937 judeus autorizados a emigrar pelo governo nacional-socialista alemão. E entre os passageiros do *Saint Louis* estavam o médico Isaiás Kaminsky, sua esposa Esther Kellerstein e a pequena filha de ambos, Judit, ou seja, o pai, a mãe e a irmã do pequeno Daniel Kaminsky.

Havana, 2007

Desde o momento em que abriu os olhos – mesmo antes de conseguir reencontrar sua desconjuntada consciência, ainda embebida em rum barato –, tendo passado a noite na casa de Tamara – que era, como já quase não podia deixar de ser, a mulher que dormia ao seu lado –, Mario Conde recebeu como uma estocada sibilina a insidiosa sensação de derrota que o acompanhava havia muito tempo. Para que se levantar? O que podia fazer do seu dia?, voltou a lhe perguntar a persistente sensação. E Conde não soube o que responder. Agoniado por aquela incapacidade de dar alguma resposta, saiu da cama tomando o maior cuidado para não perturbar o plácido sono da mulher, de cuja boca entreaberta escapavam um fio de saliva prateada e um ronco quase musical, talvez agudizado pela própria secreção.

Já sentado à mesa da cozinha, depois de tomar uma xícara de café recém-coado e acender o primeiro dos cigarros do dia, que tanto o ajudavam a recuperar sua duvidosa condição de ente racional, o homem olhou pela porta o pátio onde começavam a se instalar as primeiras luzes daquele que ameaçava ser outro calorento dia de setembro. A ausência de expectativas se tornava tão agressiva que decidiu, nesse instante, encará-la da melhor maneira que conhecia e da única forma que podia: de frente e lutando.

Uma hora e meia mais tarde, com os poros transbordando de suor, aquele mesmo Mario Conde percorria as ruas do Cerro anunciando em altos brados, como um negociante medieval, o seu propósito desesperado:

– Compro livros velhos! Vamos, venham vender seus livros velhos!

Desde que deixara a polícia, quase vinte anos atrás, e como tábuas de salvação entrara na delicadíssima – mas à época ainda lucrativa – atividade de compra e venda de livros de segunda mão, Conde havia praticado todas as modalidades com que se podia fazer o negócio: desde o método primitivo do vociferante anúncio de sua proposta comercial pelas ruas (que em certa época tanto ferira o seu orgulho), até a procura específica de bibliotecas indicadas por algum informante ou ex-cliente, passando por bater nas portas das casas em Vedado e Miramar que, por algum indício imperceptível para outros (um jardim descuidado, algumas janelas com o vidro quebrado), podiam sugerir-lhe a existência de livros e, sobretudo, a necessidade de vendê-los. Para sua sorte, quando conheceu tempos depois Yoyi Pombo, um rapaz com incontrolável instinto mercantil, e começou a trabalhar com ele apenas na busca de bibliografias selecionadas para as quais Yoyi sempre tinha os compradores certos, Conde começou a viver uma fase de prosperidade econômica que durou vários anos e que lhe permitiu dedicar-se, até com certo desregramento, às atividades que mais lhe agradavam na vida: ler bons livros e comer, beber, ouvir música e filosofar (falar merda, para ser claro) com seus mais velhos e encarniçados amigos.

Mas sua atividade comercial não era um poço sem fundo. Desde que topara, três ou quatro anos antes, com a fabulosa biblioteca da família Montes de Oca – protegida e trancada durante cinquenta anos pelo zelo dos irmãos Dionisio e Amalia Ferrero –, nunca mais encontrou um filão tão prodigioso; e cada pedido feito pelos exigentes compradores de Yoyi implicava grandes esforços para ser atendido. O terreno, cada vez mais exaurido, enchera-se de rachaduras, como as terras submetidas a longas secas, e Conde começou a viver períodos em que as baixas eram muito mais frequentes que as altas, e o obrigaram a retomar com mais frequência a modalidade pobretona e suarenta da compra nas ruas.

Outra hora e meia mais tarde, quando já tinha atravessado parte do Cerro e levado seus gritos até o bairro vizinho de Palatino – sem obter qualquer resultado –, o cansaço, a desídia e o brutal sol de setembro o obrigaram a fechar as portas da loja e subir num ônibus que havia saído ninguém sabe de onde e que milagrosamente parou diante dele e o levou até as imediações da casa do seu sócio.

Yoyi Pombo, ao contrário de Conde, era um empresário com visão e havia diversificado suas atividades. Os livros raros e valiosos eram apenas um de seus hobbies, afirmava, porque seus verdadeiros interesses estavam em coisas mais produtivas: a compra e venda de casas, carros, joias e objetos valiosos. Aquele jovem engenheiro que jamais havia tocado num parafuso nem entrado numa obra tinha descoberto fazia tempo, com uma clarividência sempre capaz de assombrar

Conde, que o país onde viviam ficava muito longe do paraíso pintado pelos jornais e discursos oficiais, e decidiu tirar vantagem da miséria, como sempre fazem os mais capazes. Suas habilidades e inteligência lhe permitiram abrir várias frentes – no limite da legalidade, mas não muito longe dele –, negócios em que obtinha a renda que lhe permitia viver como um príncipe: desde comprar roupas de grife e joias de ouro até ir de restaurante em restaurante, sempre acompanhado de belas mulheres e circulando naquele Chevrolet Bel Air conversível 1957, o carro considerado por todos os conhecedores como a máquina mais perfeita, duradoura, elegante e confortável que já saiu de um fábrica norte-americana – e pela qual o rapaz tinha pagado uma fortuna, pelo menos em termos cubanos. Yoyi era, para todos os efeitos, um exemplar de catálogo do Homem Novo, supurado pela realidade do meio ambiente: alheio à política, viciado na fruição ostentatória da vida, portador de uma moral utilitarista.

– Porra, *man*, que cara de merda – disse o rapaz ao vê-lo chegar todo suado, com aquele semblante qualificado com tanta precisão semântica e escatológica.

– Obrigado – limitou-se a dizer o recém-chegado.

E se deixou cair no sofá macio em que Yoyi, recém-saído do chuveiro depois de passar duas horas numa academia de ginástica privada, aproveitava o tempo assistindo em sua tevê de plasma de 52 polegadas um jogo de beisebol das grandes ligas norte-americanas.

Como costumava acontecer, Yoyi o convidou para almoçar. A empregada que cozinhava para o rapaz havia preparado nesse dia um bacalhau à biscainha, arroz *congrí*, *plátanos en tentación* e uma salada de muitas verduras que Conde devorou com fome e perfídia, ajudado por uma garrafa de Pesquera reserva que Yoyi tirou do freezer onde conservava seus vinhos à temperatura exigida pela umidade dos trópicos.

Enquanto tomavam café na varanda, Conde voltou a sentir uma pontada da aflição frustrante que o perseguia.

– Não está dando mais, Yoyi. As pessoas não têm nem jornais velhos...

– Sempre aparece algo, *man*. Você não pode se desesperar – disse o outro enquanto acariciava, como era seu costume, a enorme medalha de ouro com a efígie de Nossa Senhora que, pendurada numa corrente grossa do mesmo metal, caía sobre sua protuberância peitoral, como um tórax de pombo, à qual devia seu apelido.

– E se não me desesperar, que merda vou fazer?

– Farejo no ambiente que vamos receber uma encomenda grande – disse Yoyi, e até cheirou o ar quente de setembro –, e você vai se encher de pesos...

Conde sabia onde iam dar aquelas premonições olfativas de Yoyi e se envergonhava de saber que passava pela casa do rapaz para provocá-las. Mas sobrava tão pouco do seu velho orgulho que, quando estava com a corda muito apertada no pescoço, aterrissava ali com suas lamentações. Aos 54 anos completos, Conde sabia que era um integrante paradigmático daquela que, anos atrás, ele e seus amigos haviam qualificado de geração escondida – aqueles seres cada vez mais envelhecidos e derrotados que, sem poder sair de suas tocas, tinham evoluído (involuído, na realidade) e se transformado na geração mais desencantada e fodida dentro do novo país que se configurava. Sem forças nem idade para se reciclarem como comerciantes de arte ou gerentes de companhias estrangeiras, ou pelo menos como encanadores ou confeitores, só lhes restava o recurso de resistir como sobreviventes. Assim, enquanto alguns subsistiam com os dólares enviados pelos filhos que tinham se mudado para qualquer parte do mundo, outros tentavam se virar de alguma forma para não cair na indigência absoluta ou na cadeia: como professores particulares, motoristas que alugavam seus carros desmantelados, veterinários ou massagistas autônomos, o que viesse. Mas a opção de ganhar a vida num estado de permanente tensão e ansiedade não era fácil e provocava aquele cansaço sideral, a sensação de incerteza constante e derrota irreversível que com frequência torturava o ex-policial e o empurrava, contra a sua vontade e os seus desejos, para bater perna procurando livros velhos com os quais ganharia pelo menos uns pesos para a sobrevivência.

Depois de tomar um café, fumar dois cigarros e falar das coisas da vida, Yoyi deu um bocejo capaz de sacudir toda a sua estrutura e disse a Conde que havia chegado o momento da sesta, única atividade decente à qual podia se dedicar, àquela hora e com aquele calor, um havanês que se desse ao respeito.

– Não se preocupe, estou indo...

– Você não vai a parte alguma, *man* – disse Yoyi, enfatizando seu inseparável bordão. – Pegue a cama desmontável que está na garagem e leve para o quarto. Já mandei ligar o ar-condicionado há algum tempo... A sesta é sagrada... Depois tenho que sair, levo você para casa.

Conde, sem nada melhor para fazer, obedeceu ao Pombo. Embora fosse uns vinte anos mais velho que o rapaz, costumava confiar em sua sabedoria vital. E, na verdade, depois daquele bacalhau e do Pesquera que tinha bebido, a sesta se impunha como um mandato ditado pelo fatalismo geográfico tropical e o melhor da herança ibérica.

Três horas depois, a bordo do reluzente Chevrolet conversível que Yoyi dirigia com orgulho pelas péssimas ruas de Havana, os dois homens tomaram a direção do bairro de Conde. Pouco antes de chegar à sua casa, este pediu que parasse.

– Deixe-me na esquina, quero resolver uma coisa ali...

Yoyi Pombo sorriu e começou a encostar o carro junto ao meio-fio.

– Em frente ao Bar dos Desesperados? – perguntou Yoyi, conhecedor das fraquezas e necessidades de Conde e do seu espírito.

– Mais ou menos.

– Ainda tem dinheiro?

– Mais ou menos. O capital para comprar livros – Conde repetiu a fórmula e se despediu estendendo a mão ao rapaz, que a apertou com força. – Obrigado pelo almoço, a sesta e o ânimo.

– Escute, *man*, de qualquer maneira pegue isto aqui para ir se aguentando.

Atrás do volante do Chevrolet, o rapaz contou várias notas do maço que havia tirado do bolso e entregou uma parte a Conde.

– Um pequeno adiantamento do bom negócio que estou farejando.

Conde olhou para Yoyi e, sem pensar muito, pegou o dinheiro. Não era a primeira vez que ocorria algo parecido e, desde que o rapaz começara a falar de um bom negócio pressentido, o outro sabia que aquele seria o clímax da despedida. E também sabia que, embora a relação entre os dois tivesse nascido como um vínculo comercial no qual cada um deles entrava com suas habilidades, Yoyi o apreciava de forma sincera. Por essa razão seu orgulho não se sentiu mais ferido do que já estava por receber umas notas que poderiam lhe dar um fôlego.

– Sabe de uma coisa, Yoyi? Você é o filho da puta mais boa gente de Cuba.

Yoyi sorriu enquanto acariciava a enorme medalha de ouro na ponta do seu esterno.

– Não vá dizer isso por aí, *man*. Se ficarem sabendo que também sou boa gente, perco prestígio. A gente se vê. – E ligou o silencioso Bel Air. O carro avançou como se fosse dono da Calzada. Ou do mundo.

Mario Conde contemplou o desolador panorama que se apresentava à sua frente e percebeu com nitidez que o que via empurrava o seu já lamentável estado de ânimo para um doloroso nível de deterioração. Aquela esquina havia sido parte do umbigo de seu bairro, e agora parecia uma espinha purulenta. Inundado por uma perversa nostalgia, recordou que quando era criança e seu avô Rufino lhe ensinava os segredos da arte de preparar galos de briga, e tentava lhe dar uma educação sentimental adequada para sobreviver num mundo que parecia uma rinha de galos, exatamente do ponto onde estava nessa tarde podia ver o bulício

constante do famoso terminal de ônibus do bairro, onde seu pai trabalhara durante anos. Mas, desativada a linha de ônibus, a instalação se decompunha como um estacionamento dilapidado de veículos em fase de agonia. Enquanto isso, a pensão de Conchita, o caldo de cana de Porfirio, as barracas de batata frita de Pancho Mentira e de Albino, as quinquilharias de Nenita, as barbearias de Wildo e de Chilo, o café da parada de ônibus, a casa de aves de Miguel, o armazém de Nardo e Manolo, o café de Izquierdo, o comércio dos chineses, a loja de móveis, a casa de ferragens, os dois postos de gasolina com suas borracharias e lavadoras de carros, o bilhar, a padaria La Ceiba, com seu cheiro de vida... tudo aquilo também havia desaparecido, como que devorado por um tsunami ou algo ainda pior, e sua imagem sobrevivia a duras penas nas memórias obstinadas de figuras como Conde. Agora, flanqueado por ruas esburacadas e calçadas destroçadas, o prédio de um dos postos de gasolina havia começado a funcionar como café que servia uma droga de comida cobrando em CUC, a esquiva divisa cubana. No outro posto não havia nada. E no local onde antes era o armazém de Nardo e Manolo, reformado muitas vezes para reciclar e piorar o original, abria-se para a Calzada um pequeno balcão, protegido de possíveis assaltos de corsários e piratas por uma cerca de vergalhões de aço corrugado, que funcionava como um centro de distribuição de álcool e nicotina, batizado por Conde como o Bar dos Desesperados. Era ali, e não no café que cobrava em CUC, que os bêbados do bairro consumiam seu rum barato a qualquer hora do dia ou da noite, sem a carícia de um cubo de gelo, em pé ou sentados no chão gosmento, disputando espaço com os muitos vira-latas.

Conde se desviou de umas poças de águas turvas e atravessou a Calzada. Aproximou-se da grade carcerária erigida sobre o balcão daquele novo tipo de bar. Sua sede etílica dessa tarde não era das piores, mas necessitava alívio. E o balconista Gandinga, Gandi para os íntimos, estava ali para proporcioná-lo.

Dois bons tragos e duas longas horas mais tarde, recém-saído do banho, até perfumado com a colônia alemã presente de Aymara, a irmã gêmea de Tamara, Conde voltou para a rua. Numa tigela, ao lado da portinhola aberta na porta da cozinha, havia deixado comida para Detrito II, que, apesar de seus dez anos já feitos, continuava praticando sua herdada propensão a cachorro vira-lata, à qual seu pai, o benemérito e já falecido Detrito I, nunca havia renunciado. Para si mesmo, contudo, não preparou nada: como acontecia quase todas as noites, Josefina, mãe de seu amigo Carlos, convidara-o a jantar, e nesses casos era melhor manter disponível a maior quantidade de espaço estomacal. Com as duas garrafas de rum que, graças à generosidade de Yoyi, pudera comprar no Bar dos

Desesperados, tomou o ônibus e, apesar do calor, da promiscuidade, da violência auditiva e moral de um *reggaetón* e da sensação de sufoco reinante, a perspectiva de uma noite mais agradável o fez reconhecer que voltava a sentir-se razoavelmente tranquilo, quase fora de um mundo com o qual estava tão descontente e do qual sofria tantas agressões.

Passar a noite com seus velhos amigos na casa do *magro* Carlos, que havia muito tempo já não era magro, constituía para Mario Conde a melhor forma de encerrar o dia. A segunda melhor forma era quando, de comum acordo, ele e Tamara decidiam passar a noite juntos, assistindo a algum dos filmes preferidos de Conde – algo como *Chinatown*, *Cinema Paradiso* ou *O Falcão Malitês*, ou ainda o sempre esqualido e comovente *Nós que Nos Amávamos Tanto*, de Ettore Scola, com uma Stefania Sandrelli capaz de despertar instintos canibalescos –, para fechar o dia com uma sessão de sexo cada vez menos febril, mais lento (por parte dos dois), porém sempre muito satisfatório. Aquelas pequenas realizações resumiam o melhor do que sobrava de uma vida que, com os anos e as porradas acumuladas, tinha perdido quase todas as expectativas que não fossem relacionadas com a mais vulgar sobrevivência. Ao perdê-las, havia abandonado até mesmo o sonho de algum dia escrever um romance em que contaria uma história, obviamente também esqualida e comovente, como as que escrevera aquele filho da puta do Salinger, que qualquer hora dessas ia morrer, certamente sem voltar a publicar nem sequer um mísero continho.

Só nos territórios daqueles mundos conservados por teimosia à margem do tempo real, e em cujas fronteiras Conde e seus amigos tinham levantado as mais altas muralhas para protegê-los das invasões bárbaras, existiam uns universos agradáveis e permanentes aos quais nenhum deles, apesar de suas próprias mudanças físicas e mentais, queria nem pretendia renunciar: os mundos com os quais se identificavam e onde se sentiam como estátuas de cera, quase a salvo dos desastres e das perversões do meio ambiente.

O *magro* Carlos, Coelho e Candito Vermelho já conversavam na varanda da casa. Havia alguns meses que Carlos vinha utilizando uma nova cadeira de rodas, dessas que se moviam graças à eletricidade fornecida por uma bateria. O engenho fora trazido do Além pela sempre fiel e atenta Dulcita, a mais constante ex-namorada do Magro, constantíssima desde que, depois de ficar viúva, um ano atrás, duplicou a frequência de suas viagens de Miami e estendeu a duração de suas estadas na ilha, por uma razão óbvia, mas não revelada ao público.

– Sabe que horas são, animal? – foi o cumprimento do Magro, ao mesmo tempo que punha em movimento sua cadeira motorizada para aproximar-se de

Conde e arrebatá-lo a sacola onde, bem sabia, vinha a dose de combustível capaz de movimentar a noite.

– Não encha o saco, selvagem, são oito e meia... Tudo certo, Coelho? Como vai, Vermelho? – disse, estendendo a mão aos outros amigos.

– Fodido, mas contente – respondeu o Coelho.

– Igual a ele – disse Candito, indicando com o queixo o Coelho –, mas sem reclamar. Porque, quando penso reclamar, rezo um pouco.

Conde sorriu. Desde que Candito abandonara as animadas atividades às quais havia se dedicado por muitos anos – gerente de um bar clandestino, fabricante de sapatos com materiais roubados, administrador de um depósito ilegal de gasolina – e se convertera ao cristianismo protestante (Conde nunca sabia a qual de suas denominações), aquele mulato de cabelo que já fora cor de açafraão e agora estava embranquecido pelas neves do tempo – digamos assim – costumava resolver seus problemas entregando-se às mãos de Deus.

– Qualquer dia vou pedir que você me batize, Vermelho – disse Conde. – O problema é que estou tão fodido que depois vou ter que passar o dia rezando.

Carlos voltou para a varanda com sua cadeira motorizada e uma bandeja sobre as pernas inertes, onde tilintavam três copos cheios de rum e um de limonada. Enquanto distribuía as bebidas – a limonada, obviamente, era a bebida de Candito –, explicou:

– A velha está acabando de fazer a comida.

– E o que Josefina vai nos servir hoje? – quis saber o Coelho.

– Diz ela que as coisas andam mal e que, ainda por cima, não estava inspirada.

– Segurem-se bem! – advertiu Conde, imaginando o que estava por vir.

– Como está fazendo calor – começou Carlos –, vamos iniciar por um cozido de grão de bico com chouriço, morcela, uns pedaços de porco e batatas... Como prato principal, está fazendo um pargo assado, mas não muito grande, de mais ou menos meio quilo. E, claro, arroz, mas com legumes, diz que é para a digestão. Já fez a salada de abacate, feijão, rabanete e tomate.

– E de sobremesa?

O Coelho salivava como um cachorro com raiva.

– O de sempre: goiaba em calda com queijo branco... Viu como não estava inspirada?

– Caramba, Magro, essa mulher é mágica? – perguntou Candito, aparentemente sentindo superada a sua grande capacidade de acreditar, até mesmo no intangível.

– E você não sabia? – gritou Conde, e tomou meio copo do seu rum. – Não se faça de bobo, Candito, não se faça de bobo...

– Mario Conde?

Mal ouviu a pergunta do mastodonte com rabo de cavalo e Conde começou a fazer os cálculos: havia anos que não botava chifres em ninguém, seus negócios com livros haviam sido tão limpos quanto podem ser os negócios; só devia dinheiro a Yoyi... e fazia tempo demais que deixara de ser policial para que surgisse alguém agora com alguma *vendetta*. Quando somou às suas ponderações o tom mais ingênuo que agressivo da pergunta, e lhe agregou a expressão do homem, ficou um pouco mais seguro de que o desconhecido pelo menos não parecia ter a intenção de matá-lo ou enchê-lo de porrada.

– Sim, pois não.

O homem havia se levantado de uma das poltronas velhas e desbotadas que Conde tinha na varanda de sua casa e que, apesar do estado lamentável, o ex-policial havia acorrentado uma à outra – e ainda a uma coluna – para dificultar qualquer intenção de mudá-las de lugar. Na penumbra, só quebrada pelo poste da iluminação pública – a última lâmpada colocada por Conde na varanda tinha sido levada para outra luminária desconhecida numa noite em que, bêbado demais para pensar em lâmpadas, ele se esqueceu de tirá-la –, pôde traçar um primeiro retrato do desconhecido. Tratava-se de um homem alto, talvez de 1,90 metro, que tinha passado dos 40 anos e também dos quilos que deveriam corresponder à sua estrutura. Seu cabelo, um tanto ralo na zona frontal, estava preso na nuca em forma de um rabo de cavalo compensatório que, além do mais, equilibrava a sua protuberância nasal. Quando Conde chegou mais perto dele e pôde distinguir a palidez rosada da pele e a qualidade da roupa, formalmente casual, presumiu que se tratava de alguém de além-mar. De qualquer um dos sete mares.

– Muito prazer, Elías Kaminsky – disse o forasteiro, sorrindo e estendendo a mão direita para Conde.

Convencido pelo calor e pela suavidade daquela manopla envolvente de que não se tratava de um possível agressor, o ex-policial acionou seu ruidoso computador mental para tentar imaginar a razão pela qual, quase à meia-noite, aquele estrangeiro o esperava na varanda escura da sua casa. Teria razão Yoyi, e à sua frente estava um buscador de livros raros? Parecia, concluiu, e fez cara de desinteressado em qualquer negócio, como lhe havia recomendado a sabedoria mercantil do Pombo.

– Como é mesmo seu nome?

Conde tentou começar a clarear sua mente, por sorte não excessivamente enevoada pelo álcool graças ao choque alimentício propiciado pela velha Josefina.

– Elías, Elías Kaminsky. Olhe, desculpe por esperá-lo aqui... e a esta hora... Sabe...

O homem, que se expressava num espanhol bastante neutro, tentou sorrir, aparentemente envergonhado com a situação, e considerou se não seria mais inteligente pôr logo sua melhor carta na mesa.

– Sou amigo do seu amigo Andrés, o médico, que mora em Miami...

Com essas palavras as tensões remanescentes de Conde cederam como por encanto. Devia ser um buscador de livros velhos enviado por seu amigo. Será que Yoyi sabia de alguma coisa, por isso andava dando uma de vidente?

– Sim, sim, claro, ele comentou alguma coisa – mentiu Conde, que fazia dois ou três meses não tinha contato algum com Andrés.

– Ainda bem. Bom, seu amigo manda lembranças e... – procurou no bolso também casual de sua camisa (da Guess, identificou Conde) – e lhe escreveu esta carta.

Conde pegou o envelope. Havia anos que não recebia uma carta de Andrés e ficou impaciente para lê-la. Só algum motivo extraordinário teria levado o amigo a se sentar e escrever, porque, como tratamento profilático contra as armadilhas ardilosas da nostalgia, desde que se radicara em Miami o médico tinha decidido manter uma relação cautelosa com aquele passado tão arraigado e, portanto, pernicioso para a saúde do presente. Só duas vezes por ano quebrava o silêncio e chafurdava na saudade: nas noites do aniversário de Carlos e de 31 de dezembro, quando telefonava para a casa do Magro, sabendo que os seus amigos estariam reunidos, tomando rum e calculando as perdas, inclusive a sua, concretizada vinte anos antes quando, como dizia o bolero, Andrés *se fue para no volver*. Embora tenha dito adeus.

– Seu amigo Andrés trabalha no lar de idosos onde meus pais passaram vários anos, até morrerem – voltou a falar o homem quando viu que Conde dobrava o envelope e o guardava no bolso. – Teve uma relação especial com eles. Minha mãe, que morreu há alguns meses...

– Meus pêsames.

– Obrigado... Minha mãe era cubana e meu pai polonês, mas morou vinte anos em Cuba, até que partiram, em 1958 – algo na memória mais afetiva de Elías Kaminsky lhe provocou um ligeiro sorriso. – Embora só tenha vivido em Cuba durante esses vinte anos, ele dizia que era judeu por sua origem, polonês-alemão por seus pais e seu nascimento; legalmente, cidadão norte-americano;

e, em todo o resto, cubano. Porque, na realidade, era mais cubano que qualquer outra coisa. Do time dos comedores de feijão preto e aipim com molho, dizia sempre...

– Então era dos meus. Vamos nos sentar?

Conde indicou as poltronas, e com uma chave abriu o cadeado que as unia como um casal forçado a conviver; depois, procurou colocá-las em uma posição mais favorável para uma conversa. A curiosidade de saber por que aquele homem viera procurá-lo tinha apagado outra parte do desânimo que o perseguia havia semanas.

– Obrigado – disse Elías Kaminsky enquanto se acomodava –, mas não vou incomodar por muito tempo, olhe que horas são...

– E por que veio me ver?

Kaminsky pegou um maço de Camel e ofereceu um cigarro a Conde, que recusou cortesmente. Só em caso de catástrofe nuclear ou perigo de morte ele fumava uma daquelas merdas perfumadas e adocicadas. Conde, além de sua filiação ao Partido dos Comedores de Feijão Preto, era um patriota nicotínico, o que demonstrou acendendo um de seus devastadores Criollos, pretos, sem filtro.

– Suponho que Andrés deve estar explicando na carta... Eu sou pintor, nasci em Miami e agora moro em Nova York. Meus pais não suportavam o frio, por isso tive que deixá-los na Flórida. Eles tinham um apartamento no lar de idosos onde conheceram Andrés. Apesar da origem dos dois, é a primeira vez que venho a Cuba, e... bem, a história é um pouco longa. Não aceitaria vir tomar o café da manhã no meu hotel para falarmos sobre o assunto? Andrés me disse que o senhor seria a melhor pessoa para me ajudar a saber sobre uma história relacionada com meus pais... Ah, e eu lhe pagaria por seu trabalho, evidentemente.

Enquanto Elías Kaminsky falava, Conde sentiu suas luzes de alarme, até pouco antes amortecidas, acenderem uma a uma. Se Andrés se atrevia a mandar-lhe aquele homem, que aparentemente não estava atrás de livros raros, alguma razão de peso devia existir. Mas antes de tomar café com o desconhecido, e muito antes de dizer-lhe que não tinha tempo nem ânimo para se envolver em sua história, havia coisas que precisava saber. Mas... o sujeito disse que ia lhe pagar, não? Quanto? A penúria econômica que o perseguia nos últimos meses assimilou com gula essa informação. De qualquer maneira, o melhor, como sempre, era começar pelo princípio.

– Não se importa que eu leia a carta?

– De jeito nenhum. Eu estaria louco para ler.

Conde sorriu. Abriu a porta da casa e a primeira coisa que viu foi Detrito II deitado no sofá, justamente no único espaço livre entre várias pilhas de livros. O cachorro, dormindo com displicência, nem mexeu o rabo quando Conde acendeu a luz e rasgou o envelope.

Miami, 2 de setembro de 2007

Desgraçado:

Falta muito para o telefonema de fim de ano, mas isto não podia esperar. Sei por intermédio de Dulcita, que voltou há poucos dias de Cuba, que todos vocês estão bem, com menos cabelo e até mais gordos. O portador NÃO é meu amigo. QUASE foram os pais dele, dois velhos muito legais, sobretudo ele, o polonês-cubano. Esse homem é um pintor, vende bastante bem e ao que parece herdou algumas coisas (\$) dos pais. ACHO que é boa gente. Não como você ou eu, mas mais ou menos. O que ele vai pedir é complicado, acho que nem você poderia resolver, mas tente, porque até eu estou intrigado com essa história. Além disso, é daquelas que você adora, como vai ver.

A propósito, eu disse a ele que você cobra 100 dólares diários pelo seu trabalho, mais as despesas. Aprendi isso num livro do Chandler que você me emprestou há dois malditos anos. Um que tinha um sujeito que falava como os personagens de Hemingway, sabe qual é?

Todos os meus abraços para TODOS. Sei que semana que vem é aniversário do Coelho. Mande meus parabéns. E Elías está levando um presentinho meu para ele, e uns remédios que Jose tem que tomar.

Com amor e esqualidez, seu irmão de SEMPRE,

Andrés.

P. S.: Ah, diga a Elías que não deixe de lhe contar a história da foto de Orestes Miñoso.

Conde não pôde evitar que seus olhos ficassem mareados. Com o cansaço e as frustrações acumuladas, mais aquele calor e a umidade do ambiente, os olhos das pessoas ficam irritados, mentiu sem pudor para si mesmo. Naquela carta em que não dizia quase nada, Andrés dizia tudo, com seus silêncios e ênfases tipograficamente maiúsculas. O fato de ter se lembrado do aniversário do Coelho vários dias antes da data o delatava: se não escrevia, era porque não queria nem podia, ele preferia não correr o risco de desabar. Andrés, apesar da distância física, ainda estava muito próximo e, aparentemente, sempre estaria assim. A tribo à qual pertencia era inalienável havia muitos anos, *PER SAECULA SAECULORUM*, com letra maiúscula.

Deixou a carta em cima do falecido televisor russo que não se decidia a jogar no lixo e, sentindo o peso da nostalgia que se somava ao de suas frustrações mais evidentes e perseverantes, disse a si mesmo que a melhor maneira de resistir àquela inesperada conversa era conduzi-la regada a álcool. Em dois copos, serviu umas boas doses da garrafa de rum vagabundo que havia guardado como reserva. Só então teve plena consciência da sua situação: aquele homem lhe pagaria 100 dólares por dia para ajudá-lo a saber alguma coisa? Quase desmaiou. No mundo dilapidado e empobrecido em que Conde vivia, 100 dólares eram uma fortuna. E se trabalhasse cinco dias? A sensação de desmaio ficou mais forte e, para controlá-la, tomou um gole diretamente da boca da garrafa. Com os copos na mão e a mente tomada por uma enxurrada de planos econômicos, voltou para a varanda.

– Tem coragem? – perguntou a Elías Kaminsky oferecendo-lhe o copo, que o outro aceitou sussurrando um obrigado. – Eu tomo rum barato.

– Nada mau – disse o forasteiro ao prová-lo com cautela. – É haitiano? – perguntou com ar de conhecedor e imediatamente pegou outro Camel e acendeu-o.

Conde deu uma talagada e fingiu degustar aquele veneno devastador.

– É, deve ser haitiano... Bem, se quiser podemos conversar amanhã em seu hotel e o senhor me conta os detalhes – começou Conde, tentando esconder sua ansiedade –, mas me diga agora o que acha que posso ajudar a descobrir.

– Já lhe disse, é uma longa história. Tem muito a ver com a vida do meu pai, Daniel Kaminsky... Para começar, digamos que procuro a pista de um quadro; segundo todas as informações, um Rembrandt.

Conde não pôde deixar de sorrir. Um Rembrandt, em Cuba? Anos atrás, quando era policial, a existência de um Matisse o levava a meter-se numa história de paixão e ódio. E o Matisse acabou sendo mais falso que juramento de puta... ou de policial. Mas a menção a um possível quadro do mestre holandês era algo magnético demais para a curiosidade de Conde, cada vez mais aguçada, talvez pela combustão daquele rum tão horroroso que parecia haitiano e da promessa de um pagamento significativo.

– Então, um Rembrandt... Como é essa história, e o que ela tem a ver com seu pai? – Conde incitou o estranho, somando argumentos para convencê-lo. – A esta hora quase não faz calor aqui... e ainda temos o resto da garrafa de rum.

Kaminsky esvaziou seu copo e o estendeu a Conde.

– Coloque o rum nas despesas.

– O que vou é colocar uma lâmpada no lustre. É melhor vermos bem o rosto um do outro, não acha?

Enquanto procurava a lâmpada, uma cadeira onde subir, atarraxava a lâmpada no bocal e por fim a luz se fazia, Conde ficou pensando que, na realidade, não tinha jeito. Por que diabos incitava aquele homem a lhe contar o seu relato filial se o mais provável era que não poderia ajudá-lo a encontrar coisa nenhuma? Só porque se aceitasse ele ia lhe pagar? “Chegamos a esse ponto, Mario Conde?”, perguntou-se, e preferiu, naquele momento, não tentar responder.

Quando voltou para sua poltrona, Elías Kaminsky tirou do prodigioso bolso de sua camisa esporte uma fotografia que lhe entregou.

– A chave de tudo pode ser esta fotografia.

Tratava-se de uma cópia recente de uma foto antiga. O sépia original tinha se tornado cinza e viam-se as margens irregulares da cartolina primitiva. Na estampa havia uma mulher, entre os seus 20 e 30 anos, sentada com um vestido escuro numa poltrona de tecido brocado e espaldar alto. Ao lado da mulher, um menino de uns 5 anos, em pé, com a mão no colo da senhora, olhava para a objetiva. Pelas roupas e penteados, Conde supôs que a foto tinha sido tirada entre as décadas de 1920 e 1930. Já advertido sobre o assunto, depois de observar os personagens, Conde se concentrou num pequeno quadro pendurado atrás deles, acima de uma mesinha onde repousava um vaso com flores brancas. O quadro devia ter, talvez, uns 40 por 25 centímetros, a julgar por sua relação com a cabeça da mulher. Conde moveu a foto procurando a melhor iluminação para estudar a figura emoldurada: tratava-se do busto de um homem, com o cabelo repartido ao meio e descendo até os ombros e uma barba rala e descuidada. Aquela imagem transmitia algo indefinível, sobretudo o olhar perdido e melancólico dos olhos do sujeito; e Conde se perguntou se era o retrato de um homem ou uma representação da figura de Cristo, muito parecida com alguma que devia ter visto em um ou mais livros com reproduções de pinturas de Rembrandt. Um Cristo de Rembrandt na casa de judeus?

– Esse retrato é de Rembrandt? – perguntou, sem deixar de olhar a foto.

– A mulher é minha avó, o menino é meu pai. Estão na casa onde viveram na Cracóvia. E o quadro foi autenticado como um Rembrandt. Dá para ver melhor com uma lupa.

Do bolso da camisa saiu então a lupa, e Conde observou a reprodução com ela, perguntando:

– E o que esse Rembrandt tem a ver com Cuba?

– Esteve em Cuba. Depois saiu daqui. E há quatro meses apareceu numa casa de leilões de Londres para ser vendido. Foi posto no mercado com um lance mínimo de 1 milhão e 200 mil dólares, porque, mais que uma obra acabada,

parece ser algo assim como um estudo, dos vários que Rembrandt fez para suas grandes figuras de Cristo quando estava trabalhando numa de suas versões de *Os Peregrinos de Emaús*, a de 1648. O senhor sabe algo sobre o assunto?

Conde terminou seu rum e voltou a observar a foto através da lupa, sem poder evitar a pergunta: quantos problemas da vida de Rembrandt – bastante penosa, pelo que havia lido – poderiam ter sido resolvidos com aquele milhão de dólares?

– Sei pouco... – admitiu. – Vi gravuras desse quadro. Mas, se não estou enganado, nos *Peregrinos* Cristo está olhando para cima, não?

– De fato. O caso é que essa cabeça de Cristo parece ter chegado às mãos da família do meu pai em 1648. Mas meus avós, judeus que vinham fugindo dos nazistas, trouxeram-na para Cuba em 1939. Era o seguro de vida deles. E o quadro ficou em Cuba. Mas eles não. Alguém sumiu com o Rembrandt, e há alguns meses outra pessoa, talvez achando que o momento havia chegado, começou a tentar vendê-lo. Esse vendedor se comunica com a casa de leilão por meio de uma caixa postal de Los Angeles. Tem um certificado de autenticidade expedido em Berlim, em 1928, e outro de compra, certificado por um tabelião, feito aqui em Havana, em 1940... justamente quando meus avós e minha tia já estavam num campo de concentração na Holanda. Mas, graças a esta foto, que meu pai conservou a vida toda, impedi o leilão, pois a questão das obras de arte roubadas dos judeus antes e durante a guerra é muito delicada. Não é mentira se lhe disser que não me interessa recuperar o quadro pelo valor que possa ter, embora não seja pouca coisa. O que quero, e por isso estou hoje aqui, é saber o que houve com esse quadro, que era a relíquia da minha família, e com a pessoa que o tinha aqui em Cuba. Onde esteve enfiado até agora. Não sei se a esta altura será possível saber alguma coisa, mas quero tentar... e, para isso, preciso da sua ajuda.

Conde tinha deixado de olhar a foto e observava o recém-chegado, atraído por suas palavras. Tinha ouvido mal ou ele dizia que não lhe interessava muito o milhão e tanto que valia a obra? Sua mente, já descontrolada, começou a procurar caminhos para se aproximar daquela história aparentemente extraordinária que viera ao seu encontro. Mas, naquele instante, não lhe ocorria ideia nenhuma: só que precisava saber mais.

– E o que seu pai lhe contou sobre a chegada desse quadro a Cuba?

– Sobre isso não me contou muito, pois só sabia era que seus pais o trouxeram no *Saint Louis*.

– O famoso navio que chegou a Havana cheio de judeus?

– Esse mesmo. Sobre o quadro meu pai me falou muito, mas sobre a pessoa que o tinha aqui em Cuba, menos.

Conde sorriu. O cansaço, o rum e seu desânimo o deixavam mais lerdo ou esse era o seu estado natural?

– Na verdade, não estou entendendo muito bem... ou melhor, nada – admitiu enquanto devolvia a lupa ao seu interlocutor.

– O que eu quero é que me ajude a procurar a verdade para que eu também possa entender. Olhe, agora estou exausto, e gostaria de ter a mente clara para poder lhe falar dessa história. Mas, para convencê-lo a me ouvir amanhã, se é que podemos nos ver amanhã, só quero lhe contar uma coisa. Meus pais saíram de Cuba em 1958. Não em 59, nem em 60, quando quase todos os judeus e as pessoas que tinham dinheiro saíram daqui fugindo do que eles sabiam que seria um governo comunista. Tenho certeza de que essa partida dos meus pais em 1958, que foi bastante precipitada, tem a ver com esse Rembrandt. E, desde que o quadro reapareceu para o leilão, mais do que achar, tenho certeza de que essa relação do meu pai com o quadro e sua saída de Cuba têm uma conexão que pode ter sido muito complicada.

– Por que muito complicada? – perguntou Conde, já convencido de sua anemia mental.

– Porque, se aconteceu o que estou imaginando, talvez meu pai tenha feito uma coisa muito grave.

Conde se sentia a ponto de explodir. O tal Elías Kaminsky era o pior contador de histórias que já existira, ou então um babaca de marca maior, apesar do seu quadro, seus 100 dólares diários e sua roupa esporte.

– Vai me contar finalmente o que houve e qual é a verdade que o preocupa?

O mastodonte pegou seu copo e bebeu o final do rum servido por Conde. Olhou para ele e afinal disse:

– A questão é que não é fácil dizer que acho que meu pai, que sempre vi assim, como um pai, pode ter sido a mesma pessoa que degolou um homem.